

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

CAPACITAÇÃO DE MEDIADORES PARA ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO: METODOLOGIAS FREIRIANAS DE EDUCAÇÃO INFORMACIONAL E MIDIÁTICA

TRAINING MEDIATORS TO DEAL WITH DISINFORMATION: FREIREAN METHODOLOGIES OF INFORMATION AND MEDIA EDUCATION

Anna Cristina Brisola – Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Thiago Cury Luiz – Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: o artigo discute o enfrentamento da desinformação a partir de uma abordagem educativa fundamentada na Pedagogia Crítica de Paulo Freire, na Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) e na Competência Crítica em Informação (CCI), propondo o constructo da Pedagogia Crítica da Informação. Parte-se da compreensão da desinformação como fenômeno complexo, intencional e estrutural, associado a assimetrias de poder, economia da atenção e contextos sociotécnicos contemporâneos. Metodologicamente, adota-se a pesquisa-ação como práxis, articulando teoria e intervenção empírica em escolas de Ensino Médio e oficinas de formação de mediadores em diferentes estados brasileiros, além de experiências internacionais em Angola. Os resultados indicam que estratégias didáticas dialógicas, afetivas e lúdicas favorecem maior engajamento, apropriação conceitual e desenvolvimento do pensamento crítico, especialmente quando mediadas por sujeitos inseridos nos contextos socioculturais dos participantes. A experiência empírica aponta a formação de mediadores como estratégia de ampliação de alcance e sustentabilidade das ações educativas. Conclui-se que o fortalecimento de práticas educativas críticas, dialógicas e contextualizadas constitui caminho promissor para fomentar resistência à desinformação, ampliar a autonomia informacional e contribuir para a emancipação dos sujeitos, reafirmando o papel da Ciência da Informação em diálogo com a Educação e a Comunicação.

Palavras-chave: alfabetização midiática e informacional crítica; desinformação; mediação; competência em informação; competência crítica em informação;

Abstract: this article discusses confronting misinformation from an educational approach grounded in Paulo Freire's Critical Pedagogy, Media and Information Literacy (MIL), and Critical Information Competence (CIC), proposing the construct of Critical Information Pedagogy. It begins with an understanding of misinformation as a complex, intentional, and structural characteristic, associated with power asymmetries, the attention economy, and contemporary socio-technical contexts. Methodologically, action research is adopted as praxis, articulating theory and empirical intervention in high schools and mediator training workshops in different Brazilian states, as well as international experiences in Angola. The

results indicate that dialogical, affective, and playful teaching strategies favor greater engagement, conceptual appropriation, and the development of critical thinking, especially when mediated by subjects embedded in the socio-cultural contexts of the participants. The empirical experience points to the training of mediators as a strategy for expanding the reach and sustainability of educational actions. It is concluded that strengthening critical, dialogical, and contextualized educational practices constitutes a promising path to foster resistance to misinformation, expand informational autonomy, and contribute to the emancipation of individuals, reaffirming the role of Information Science in dialogue with Education and Communication.

Keywords: critical media and information literacy; disinformation; mediation; information literacy; critical information literacy.

1 INTRODUÇÃO

O mundo está assombrado pela desinformação, infodemia, *fake news*, negacionismo, pós-verdade e *deepfake* que vem sendo utilizadas para o avanço do populismo e de políticos radicais de direita. A cada nova tecnologia inventada e rede social ascendente as táticas são adaptadas velozmente, não à toa, afinal assistimos os donos dos maiores conglomerados informacionais e comunicacionais se eximindo do compromisso com a verdade e apoiando governos extremistas, como o de Donald Trump.

A força e persuasão da desinformação aliada aos interesses hegemônicos e políticos destes capitais é absolutamente difícil de enfrentar, principalmente se escolhermos o caminho da contraposição da desinformação com a verdade factual (Arendt, 2000; Bucci, 2019). Estudos como de Lewandowsky *et al.* (2012, 2020) comprovam que depois que a crença se instala é muito mais difícil reverter o quadro. Então, qual o caminho possível?

A solução apontada por diversos autores como Lewandowsky *et al.* (2012, 2020) e Bateman e Jackson (2024) é a prevenção através da educação, mais especificamente a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI). Contudo, como pesquisas anteriores desta autoria revelam, na atualidade a atenção é dispersa e não existe vontade ou costume de ler mais que algumas linhas. Como educar ao mesmo tempo que enfrentamos esta realidade?

Temos consciência de que o governo brasileiro, através do Ministério da Educação (MEC) e Secretaria de Comunicação Social (SECOM), disponibiliza cursos gratuitos de aperfeiçoamento em Educação Midiática para professores, têm discutido o assunto com profissionais da área e promovido ações para a população. Ainda assim, enfrentamos muitas barreiras para chegar, cotidianamente, às salas de aula, que dirá para alcançar a população fora da escola e mais vulnerável.

Encontramos na didática de Paulo Freire (1967, 1987, 1996), principalmente a aplicada em Angicos, algumas respostas e seguimos essa trilha. Desenvolvida em pesquisa de Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI UFPB) e atualmente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM UFMT), essa didática propõe Educação Midiática e Informacional Crítica Freiriana. Para Paulo Freire (1983) o aprendizado verdadeiro só acontece quando o aprendente se apropria do aprendizado, inclusive reinventando-o, sendo assim capaz de aplicá-lo em situações concretas. Paulo Freire nos dá o caminho a ser trilhado para um aprendizado que, estimulando o pensamento crítico, possa auxiliar o reconhecimento da desinformação e a seleção a informação relevante e confiável.

Em nosso percurso, em contato direto com adolescentes do Ensino Médio, percebemos que a melhor forma de alcançar esses indivíduos, e outros mais, seria através da formação de mediadores. Por isso, começamos a desenvolver material e oficinas para mediadores com didáticas testadas com os estudantes do Ensino Médio, seguindo em uma dupla atuação: com estudantes adolescentes por um lado e com mediadores do outro.

Assim, esse artigo pretende defender essa ideia e relatar parte da experiência na intenção de convidar novos pesquisadores a juntarem-se nesta empreitada de enfrentamento à desinformação através do fomento de uma resistência.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, teórica epistemológica e, na práxis, assumimos a pesquisa-ação (Lewin, 1946; Toledo; Jacobi, 2013) como metodologia. Enxergamos a pesquisa-ação como práxis, a junção da teoria com a ação; ação de co-educação e co-construção do conhecimento, de compartilhamento, com afinidade direta com Paulo Freire. Entendemos que a pesquisa-ação “remete à importância de envolver os grupos sociais nas resoluções de seus problemas, com participação ativa dos sujeitos, conferindo-lhes decisão sobre as soluções propostas, envolvendo-os nos processos reflexivos de maneira crítica” (Miranda; Resende, 2006).

A pesquisa foi aplicada em três escolas de Ensino Médio e quatro oficinas para mediadores em cinco estados brasileiros – RJ, PB, RO, MT e MG. Na primeira fase do projeto, no primeiro pós-doutorado, em 2023, operamos com as escolas em Teresópolis – RJ e João Pessoa - PB e uma oficina em Porto Velho. Já no segundo pós-doutorado, foram feitas 3

oficinas para mediadores em João Pessoa - PB, Cuiabá - MT e Belo Horizonte - MG. Em Belo Horizonte também trabalhamos com uma intervenção com estudantes em escola de Ensino Médio.

De maneira internacional estamos atuando em uma capacitação, via chamada de vídeo, com grupo de estudantes universitários e coordenadores do Movimento Literário Ondaka do Sumbe - Cuanza Sul e de Luanda, ambas cidades da Angola. Estes estudantes, que já acompanham o grupo de pesquisa, irão ministrar uma oficina para mediadores em Angola, em maio deste ano, no Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe – Cuanza Sul.

Os próximos passos incluem duas escolas em Cuiabá, já agendada e, em vista e negociação, intervenção em escola e aldeia indígena e outra em Rondonópolis, ambas no MT. Além disso estamos em negociação para um evento entre universidades com o Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe, oficinas de mediadores em Cuiabá e nas Aldeias Indígenas e Angola e parceria com o Programa de Alfabetização Digital, Informacional, Midiática e Literária de Adolescentes Mulheres em Moçambique e Brasil (PADIM), através da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Moçambique.

3 BASES TEÓRICAS

O tripé epistemológico desta pesquisa-ação está firmado na Pedagogia Crítica, principalmente em Paulo Freire (1967, 1987, 1996), no conceito, contexto e táticas de Desinformação (Brisola, 2021), bem como de outras formas de desdobramentos e na Alfabetização Midiática e Informacional, nos termos da UNESCO, ou seja, como um guarda-chuva de multiliteracias necessário para enfrentar este fenômeno. A esse constructo chamamos de Pedagogia Crítica da Informação.

Conceituamos a Pedagogia Crítica da Informação como “a prática pedagógica crítica empenhada nas interações com a informação, considerando o contexto da desinformação e atentando criticamente para as relações assimétricas de opressão, poder, domínio, exploração, controle, vigilância e manipulação” (Brisola; Luiz, 2024, p. 2). Sua intenção é fomentar o pensamento crítico e consciência crítica colaborando com uma relação mais saudável e crítica com a informação, o que acreditamos resultar em uma resistência às desinformações. Na sombra de Paulo Freire procura a emancipação das pessoas, através do ensino dos letramentos, competências, alfabetizações informacionais, midiáticas e digitais.

3.1 Pedagogia Crítica

Fundada, ainda sem utilizar esta nomenclatura por Paulo Freire, “uma vez que sua obra se estrutura em torno de princípios fundantes da lógica da pedagogia crítica” (Franco, 2017), a Pedagogia Crítica possui as seguintes características: a) prática problematizadora; b) educação dialógica e libertadora; c) visa emancipação; d) alinhada com a realidade das pessoas busca a co-criação do conhecimento de maneira crítica; e) focada no desenvolvimento do pensamento crítico; f) comprometida com a ética; g) contra qualquer tipo de opressão ou discriminação; h) estimula a criatividade, a reflexão e a ação transformadora da realidade.

Esta pedagogia é absolutamente oportuna para fomentar o pensamento crítico, desenvolvendo uma relação virtuosa com a informação e resistente à desinformação.

3.2 Consciência dos conceitos e táticas da desinformação

Para resistir é preciso conhecer minimamente o que se enfrenta. Assim investimos em atividades lúdicas, rodas de conversa e testemunhos para relacionar as experiências das pessoas dentro e fora da intervenção com o conceito de desinformação, seu contexto e seus mecanismos. Em consonância com o aprendizado em camadas e por experiência.

Desta feita utilizamos o conceito de desinformação que a considera como um complexo de cenários, ações, táticas e práticas, intencionalmente construídas a serviço de seus agentes, para forjar uma realidade, conduzir pensamentos e opiniões e manipular as massas. Desinformação não é sinônimo de falso na totalidade de uma narrativa, mas uma manipulação das informações que podem ser falsas ou partes da verdade.

O acirramento da desinformação acontece com as redes sociais digitais, mas não é apenas esta sua causa, outros contextos contemporâneos favoreceram a desinformação: hiperinformação, hipervelocidade, fetichização da tecnologia, fetichização do imagético, pós-modernidade (decepção com as promessas da modernidade), pós-verdade, economia da atenção, conhecimento privilegiado (das grandes corporações), analfabetismo ideológico e ignorância ostentação (Brisola, 2021). Alguns mecanismos foram compilados pela mesma autora (Brisola, 2021): comoção, inundação, omissão, orientação, desorientação, infantilização e parcialidade dissimulada, que possuem subespecialidades apontadas na tese.

3.3 Alfabetização Midiática e Informacional Crítica

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Utilizado pela UNESCO – Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), incorpora elementos da Comunicação (COM) e da Ciência da Informação (CI) e dos conceitos alfabetização midiática e da alfabetização informacional, mas amplia para diversas literacias abordadas em seu guarda-chuva. A AMI está focada na importância do acesso à informação, avaliação e uso ético dessa informação (CI), enfatizando “a capacidade de compreender as funções da mídia, de avaliar como essas funções são desempenhadas e de engajar-se racionalmente junto às mídias com vistas à autoexpressão” (Wilson *et al.*, 2013, p. 18).

A UNESCO (Wilson *et al.*, 2013) e a União Europeia (High Level Expert Group on Fake News and On-line Disinformation, 2018) apontam a importância destas habilidades para empoderamento dos cidadãos, fortalecimento das capacidades críticas, para aumentar a conscientização e a compreensão das informações, mídias, tecnologias digitais e análise de dados, e para uso, seleção e transmissão da informação com ética.

Ao acrescentarmos Crítica ao termo evocamos e sublinhamos a necessidade de alinhamento com a Pedagogia Crítica, a Teoria Crítica e o fomento à Competência Crítica em Informação (CCI). As bases da Pedagogia Crítica já foram explicadas acima. Partimos agora para as outras duas bases do tripé muito rapidamente.

A Teoria Crítica nasce na Escola de Frankfurt a partir da incitação de Horkheimer (1980) e Adorno e Horkheimer (1985) e da indignação, pós Segunda Guerra Mundial, com a aceitação pública do Nazismo pelos cidadãos, em conversa com a Psicanálise. É desta escola que vem a ideia do pensamento crítico e a perspectiva crítica.

A CCI é a junção da Competência em Informação com a Pedagogia Crítica e a Teoria Crítica. Seu intuito é fomentar o pensamento crítico junto com as habilidades de localizar, hierarquizar, utilizar e compartilhar a informação, de maneira ética, buscando fontes seguras, sempre com atitude questionadora ante a informação. Considerando esta enviesada e intersubjetiva. Por ser atravessada pela condição humana, social e histórica é enviesada, conforme atenta a Teoria Crítica e a Pedagogia Crítica e considerando sua dimensão pragmática é intersubjetiva.

Assim, a informação não é apenas a mensagem, mas também o contexto e a intenção de sua produção, transmissão, bem como a maneira que é recebida e interpretada. A pessoa mais atenta criticamente para a informação é também mais apta a desconfiar, destrinchar e selecionar a informação, desviando mais facilmente da desinformação.

Se Paulo Freire pretendia alfabetizar para conscientizar as pessoas e torná-las cidadãs capazes de ler o mundo, ser no mundo e interferir na realidade, hoje urge a necessidade da Pedagogia Crítica da Informação para lidar com o universo veloz de informação e desinformação que nos inunda.

4 A PESQUISA-AÇÃO: ESPERANÇAR

No decorrer desta pesquisa vivenciamos através do uso da metodologia freiriana a realidade do chão da escola e da população em formação e formada nas universidades. Trabalhamos com adolescentes do Ensino Médio em escolas e com graduandos, bibliotecários e professores nas oficinas. Cada recurso pedagógico foi testado, palestras, explanação com imagens, testemunhos e atividades lúdicas (brincadeiras, dinâmicas, jogos e interação com imagens), todas sempre contando com rodas de conversa, na perspectiva freiriana dialógica.

Constatamos que com os adultos palestras e explanação com imagens funcionam em parte, com alguma dispersão; porém, com os adolescentes havia muita pouca atenção e retenção. As atividades testemunhais, com menor interação, pela empatia e comoção que criam naturalmente alcançavam e atingiam o objetivo tanto com adolescentes quanto com adultos. As atividades lúdicas funcionaram perfeitamente com adolescentes e adultos, gerando diálogos frutíferos, interação com as experiências pessoais das pessoas envolvidas e criando espaços de compreensão dos conceitos, contextos e táticas da desinformação, bem como, da informação na perspectiva da Coinfo e CCI.

Percebemos que as intervenções nas escolas alcançavam os adolescentes de uma maneira muito interessante, contudo, limitava o alcance da experiência, uma vez que atuávamos em uma classe por vez e dependíamos da anuência da escola. Por outro lado, nas oficinas com adultos, tínhamos uma resposta entusiasmada no que se referia a utilizar a metodologia em seus ambientes (escolas, bibliotecas e até família).

Ao fazermos oficinas com estudantes de graduação, professores e bibliotecários, segundo nossas experiências, notávamos um resultado que era possível incrementar e estimular – a mediação. Isso nos conduziu, sem abandonar as experiências importantes nas escolas, a passar a preparação de oficinas e capacitações para mediadores.

A mediação é parte integrante da obra de Paulo Freire que afirma não ser possível educar ninguém ou a si mesmo, mas que a educação é entre as pessoas, mediadas pelo

... mundo. Em sua pedagogia, educandos e educador se educam no diálogo e na mediação da reflexão crítica. Através do diálogo, com a mediação, a decodificação é análise e reconstituição da vivência, como acontece nas rodas de conversas depois das atividades, com o diálogo e a mediação.

O conceito de mediação se situa no trânsito entre comunicação e transmissão. Comunicação como um transporte no espaço, enquanto transmissão é um transporte no tempo, como o processo que procura compartilhar experiências, saberes e conhecimento para além do momento da comunicação. “Assim, o uso dos dispositivos de mediação assegura que o processo de compartilhamento, inaugurado pela comunicação, se estenda no tempo e espaço [...] auxiliando a construção da história, a geração do patrimônio social, preservando o conhecimento e a cultura” (Gomes, 2020, p. 3).

Como seguimos as bases freirianas, a práxis está associada com diálogo, pensamento crítico, problematização e transformação da realidade. Assim a mediação passa a ser um instrumento importante e oportuno para alcançar os objetivos da Pedagogia Crítica em Informação para o fomento à resistência à desinformação. E como pontua Henriette Gomes (2020, p. 2)

A efetividade da ação mediadora está associada à mediação consciente que, como cuidado necessário busca alcançar suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política, promovendo o processo de problematização que contribui para que ocorra a apropriação da informação e a tomada de consciência por parte dos sujeitos envolvidos na ação de interferência, o que contribui para o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, assegurando que o acesso, uso e a apropriação da informação ocorram em parâmetros democráticos, se fazendo em experiência de um encontro com a informação capaz de fortalecer as lutas por inclusão e justiça social.

A mediação, inserida no contexto sociocultural e dialógica, fortalece a recepção e o aprendizado. A mediação como ação dialética, dialógica e estimuladora do pensamento crítico é “capaz de impulsionar a recepção, o desenvolvimento intelectual, assim como a tomada de consciência, pode representar um apoio significativo à apropriação da informação pelos sujeitos envolvidos na ação mediadora” (Gomes, 2020, p. 10).

Segundo Gomes (2020) os mediadores são agentes sociais da Educação, Comunicação e Informação, que transmitem as informações disponíveis, com mediação consciente. A mediação também é a construção de um ambiente acolhedor e de conforto emocional, no qual as pessoas possam se sentir livres para pensar, perguntar, questionar e exercer o pensamento crítico (Gomes, 2020). O mediador, portanto, deve inspirar confiança e conforto,

propiciando o debate e a problematização com acolhimento, deixando que as pessoas se sintam reconhecidas e respeitadas em suas emoções.

Na medida em que a problematização e o debate são intensificados no encontro com novas informações, que permitem o contraditório e a reflexão que engendra ressignificações ou novas interpretações, a ação mediadora estará favorecendo as condições de superação dos conflitos cognitivos e de consolidação da apropriação da informação (Gomes, 2020, p. 16).

Nesta perspectiva acreditamos que o mediador pode ser capacitado a utilizar esta metodologia alcançando um maior número de pessoas e otimizando as atividades adequando-as à realidade sociocultural de sua interlocução.

4.1 A experiência em prática – Belo Horizonte

Em parceria com o PADIM, coordenado Profa. Dra. Ana Paula Meneses Alves, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais (NERSI/UFMG), participamos com nosso projeto em Belo Horizonte.

- **Com os mediadores**

No primeiro dia ministramos um minicurso voltado para multiplicadores: estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de: Comunicação, Pedagogia, Licenciaturas, Psicologia e demais interessados pelo tema, na UFMG. O minicurso teve duração de 4 horas, utilizando a metodologia freiriana e a Pedagogia Crítica em Informação, voltando-se para a Alfabetização Midiática Informacional como resposta educativa para resistência à desinformação e desenvolvimento de um pensamento crítico.

O minicurso se organiza em uma ação dialógica em três etapas. Na primeira etapa mergulha em conceitos, contextos e técnicas da desinformação de maneira explanatória, reflexiva e dialógica. No segundo momento, de uma maneira lúdica com vivências corpórea, trabalha os afetos, e como nos afetam, abrindo espaço para diálogos promissores sobre informação e desinformação. No terceiro tempo, uma roda de conversa, dialógica afetiva, na qual pretendemos desvelar possibilidades formativas que tragam à tona o pensamento crítico, emancipatório, consciente, democrático e afetivamente preenchido

Essa intervenção contou com a presença de 25 participantes entre graduandos de biblioteconomia e arquivologia, bibliotecários, professores universitários, pós-graduandos de ciência da informação, professores de EJA, pedagogos e psicólogos.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

No primeiro momento as organizadoras se apresentaram, falando dos programas envolvidos e de suas experiências profissionais e acadêmicas. Pedimos que cada um dos presentes se apresentasse e falasse de sua perspectiva a respeito de desinformação. Essa troca é importante em várias camadas, considerando os afetos, a formação de laços, a compreensão da realidade de cada um presente, suas expectativas e de sua compreensão do fenômeno. É interessante perceber que, mesmo entre adultos, formados e formandos, profissionais da informação, professores, pedagogos e profissionais da saúde física (uma era enfermeira) e mental, a percepção da desinformação e as motivações são diversas.

As histórias que os trazem ao minicurso são tão diferentes quanto as cidades e estados do Brasil ali representados e a idade dos indivíduos que formam o grupo. Ainda assim um corpo se forma, uma cumplicidade em torno de uma curiosidade que se mistura com angústia. O que fazer ante a desinformação?

O primeiro momento segue com uma mistura de explanação dos conceitos, contextos e táticas de desinformação, e diálogos abertos e livres. Além disso, imagens são utilizadas como exercícios de percepção e geradores dos diálogos e trocas de experiência. Este momento, embora com características, e expectativa do grupo, de ser um momento teórico, ao misturar teoria, afetos, percepções, exercícios de pensamento reflexivo (Dewey, 1959; Vitorino; Piantola, 2009) e de pensamento crítico (Freire, 1987; Horkheimer, 1980), transforma teoria em vivência motivadora da práxis.

No segundo momento do minicurso, partimos para vivências lúdicas que desarmam adultos, abrindo espaço para os afetos e percepções. Com três atividades que envolvem percepção, atenção e reprodução e persuasão, confiança, cumplicidade e astúcia, os participantes são levados mais uma vez a reflexões que envolvem o universo da informação e da desinformação.

Após cada uma das vivências são abertos e estimulados diálogos sobre sentimentos, possibilidades, associação de ideias e experiências, sempre fomentando o pensamento reflexivo e crítico sobre cada percepção individual e do grupo. Cada uma das atividades passa a ser exemplo lúdico e prático do dia a dia. Como exemplo, a tão conhecida brincadeira do telefone sem fio, que ganha contornos um pouco mais complexos para revelar nossa falta de atenção, distorção da informação e produção de desinformação.

Por fim, no terceiro tempo freiriano, voltamos ao diálogo, agora descortinados pelas experiências, risadas e assombros. Esse é um ponto de inflexão. É neste momento que

alinhavamos a colcha de retalhos da co-construção do conhecimento. Aqui as trocas tornam-se exemplos e inspiração para os momentos que virão, motivação adaptada a realidade e anseio de cada mediador e ponto de retorno da espiral cíclica e ascendente de Lewin (1946), quando nós, pesquisadores, temos a oportunidade, na práxis, de aprender com a avaliação dos participantes, abrindo espaço para a reavaliação e aprimoramento da didática, da pesquisa e do projeto para o próximo ciclo.

- **Com os estudantes do Ensino Médio**

No segundo dia a atividade foi voltada para os estudantes de ensino médio e aconteceu na Sala Multimídia da Escola Estadual Deputado Manoel da Costa - BH. Estavam presentes 70 estudantes entre 14 e 17 anos, sendo 4 estagiários do PADIM, do primeiro e segundo ano do Ensino Médio, dois professores da escola e quatro integrantes do PADIM.

O excesso de telas têm sido um problema gerando a lei que proíbe os celulares nas escolas e o *bullying* tem ganhado contornos cruéis e perigosos nas redes sociais digitais. Precisamos falar disso e lidar com isso. A educação midiática e informacional tem sido apontada como o caminho mais fértil de enfrentamento à desinformação, de uma relação saudável com a informação e de aderência à informação de qualidade. Acreditamos que é possível despertar o interesse, a curiosidade, o gosto pela informação e conhecimento e a desconfiança, alimentando o pensamento crítico, fomentando a Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (uma relação crítica e analítica com a informação fomentada didaticamente) criando assim uma resistência à desinformação e às *fake news*.

Seguindo os passos do minicurso para mediadores, iniciando com uma apresentação nossa e do projeto, seguida de algumas imagens, quadrinhos e perguntas geradoras, com as quais poderíamos discutir sobre experiências que envolviam a desinformação, suas táticas, telas, presença, pertencimento, *bullying* e *fake news*, sempre fomentando e estimulando o diálogo e o pensamento crítico.

O diálogo com os adolescentes, ainda mais com tantos, é sempre mais difícil que com os adultos na universidade. Eles têm mais resistência a perguntarem, responderem e se exporem nas conversas. Um dos problemas, segundo eles mesmos, é a intimidade. O que corrobora a ideia de que os mediadores, já inseridos no dia a dia deles, teria, provavelmente, mais chance de diálogo que nós, recém conhecidos.

No segundo momento fomos para uma área aberta para as vivências lúdicas. Dividimos para isso os estudantes em três grupos menores para viabilizar as atividades, mas, mais ainda, o diálogo. Cada grupo ficou com um de nós no comando. As atividades se seguiram em ritmos e resultados distintos, fomentando diálogos também característico de cada grupo, ainda que aleatoriamente formados.

Por fim, retornamos à sala para encerrar com apreciação crítica dos estudantes a respeito da experiência. Fica evidente que alguns, mais que outros, fazem a devolutiva da experiência e sublinham a palavra aprendizado, enquanto outros se escondem atrás da timidez ou do cinismo debochado e dispersão.

Julgamos que, no caso dos adolescentes, embora experiências de algumas horas causem impacto e produzam pensamento reflexivo e crítico a respeito da desinformação e da informação, intervenções mais repetidas e constantes, trazem resultados melhores e mais consistentes.

4.2 Elaborando os Próximos Passos

Considerando nossas primeiras experiências, tratamos como mediadores: universitários dos cursos de biblioteconomia (RO, MT e MG), de comunicação e licenciaturas (MT e MG), literatura e Ensino da Língua Portuguesa (Sumbe – Angola), professores (RO, MT, RJ, Sumbe e PB), profissionais da comunicação (MT e PB), bibliotecários (PB e RO), pós-graduandos de Ciência da Informação (RO, PB e MG) e de Comunicação (MT).

Na próxima etapa do projeto, voltada para a capacitação de mediadores, ampliamos o espectro, incluindo, além dos citados acima, pais, responsáveis, líderes sindicais, locais, comunitários e religiosos, profissionais em geral que lidam com o público.

Além da construção pedagógica dos encontros despertadores (1 dia) e capacitadores (de 4 dias a 1 mês), o grupo está elaborando um Manual de Ideias. Teoricamente o manual explica os conceitos, contextos e táticas da desinformação e da informação de maneira sucinta e simples; a Alfabetização Midiática e Informacional Crítica, os passos da Coinfo e os níveis e dimensões da CCI. Também sugere e explica as rodas de conversa, como deflagrar os diálogos e os assuntos que podem acompanhar as dinâmicas, jogos, brincadeiras, exercícios e testemunhos, bem como o uso de material em elaboração.

O manual servirá de apoio e inspiração para os mediadores, indicando que as experiências, dinâmicas e diálogos devem ser adaptadas para cada realidade e público-alvo.

Por isso, as ideias são expostas de maneira aberta e as dinâmicas e jogos possuem a característica didática de abrir espaço e incentivar o diálogo, o compartilhamento de sensações, emoções e experiências de cada indivíduo, para que o mediador tenha liberdade de conduzir a mediação e alimentar os diálogos a partir de seu próprio conhecimento e dos conceitos e ideias do Manual. A indicação de literatura acadêmica também é utilizada para embasar os mediadores e prepará-los para as rodas de diálogo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante as distopias informacionais de nosso tempo a educação tem se mostrado o caminho mais promissor, entre muitos. Reconhecemos a necessidade urgente de regulações e legislação que ajudem a reprimir a desinformação, de checagem que apoie e acelere o esclarecimento das dúvidas, de ações múltiplas de enfrentamento à desinformação. Mas, se queremos uma população mais resistente à desinformação, assim como provado em alguns países, nos quais a educação é mais crítica, temos que investir na educação de nossa população. Investir na educação formal e na informal, alcançando assim as pessoas mais vulneráveis e as que estão fora do sistema educacional.

É desta percepção que surge a ideia de investirmos na capacitação de mediadores e de considerar como mediadores não apenas professores, bibliotecários e profissionais da informação, mas pais, responsáveis, líderes sindicais, locais, comunitários, religiosos e pessoas em geral que queiram e possam fazer essa mediação. Não excluindo a importância de também atuar diretamente com as escolas, percebemos a importância de preparar uma didática e um método capaz de se adaptar e se espalhar. Didática essa apoiada por materiais voltados para adolescentes, jovens adultos e adultos, acompanhado de um manual de ideias que alimente os mediadores, independente de seu nível de escolaridade e de material acadêmico ao qual possam recorrer para aprofundamento teórico, conforme sua própria formação e interesse. Esta não é uma tarefa fácil e exige o envolvimento de profissionais com diversas habilidades, além de fomento e apoio, mas acreditamos no caminho.

Essa pesquisa indicou seu percurso teórico nos passos de Paulo Freire e relatou suas experiências a fim de incitar iniciativas parecidas em nossa área de conhecimento e parcerias de pesquisadores e grupos de pesquisa. Acreditamos que a educação é um caminho possível e promissor, quanto mais investirmos nele, utilizando nossos conhecimentos, pesquisas e

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

percursos acadêmicos; colocando a Ciência da Informação, lado a lado com a Comunicação e a Educação, como área do conhecimento capaz de agregar valor imprescindível a essa batalha.

Cabe a nós mostrarmos a importância de uma relação virtuosa com a informação para a resistência à desinformação. Nossas experiências têm mostrado que a recepção desta didática e a repercussão destas oficinas, tanto com os adolescentes nas escolas, quanto com os mediadores, têm alimentado o esperar de uma resistência efetiva à desinformação.

Pensar e construir uma didática capaz de despertar interesse, pensamento reflexivo e pensamento crítico a respeito da desinformação e informação, que fomente a competência em informação e crítica, que utilize a AMI Crítica, produzindo também, letramento midiático e digital, não é tarefa fácil. Contudo, nossas experiências e pesquisas, tem demonstrado que não apenas é possível, como a co-construção é necessária e promissora.

Esperançamos que as didáticas replicadas em outros países nos tragam mais respostas sobre as possibilidades de adaptação do método e enriquecimento da experiência. Além disso, as oficinas que já estão marcadas para o Brasil, também trarão mais diversidade, tanto com mediadores quanto com estudantes do Ensino Médio e Fundamental.

Acreditamos que ciência é também co-construída, em diálogo, em práxis, em superança, que não fazemos este tipo de pesquisa sozinhos, tampouco fora de nossos corpos e sem afetos. Esperamos que a nós se juntem muitos outros e que tenhamos cada vez mais chances para unir forças, como aqui relatamos. Resistência se constrói e temos uma trilha, deixada por Paulo Freire, que podemos seguir, esperando.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. SP: Cia das Letras, 2000. Tradução de Roberto Raposo

BATEMAN, J.; JACKSON, D. **Countering disinformation effectively**: an evidence-based policy guide. 2024. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/research/2024/01/countering-disinformation-effectively-an-evidence-based-policy-guide?lang=en>. Acesso em: 01 set. 2025.

BRISOLA, A. C. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. 2021. 295 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BRISOLA, A.; LUIZ, T. C. Três tempos freirianos para conhecer e resistir à desinformação. *In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO (SEMIEDU)*, 32., 2024, Cuiabá/MT. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 449-458. ISSN 2447-8776. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.5753/semiedu.2024.32698>. Acesso em: 01 ago. 2025.

BUCCI, E. **Existe democracia sem verdade factual?**: cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news. Barueri: Estação das Letras e Cores. 2019. Acesso em: out. 2025.

DEWEY, J. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020.

HIGH LEVEL EXPERT GROUP ON FAKE NEWS AND ON-LINE DISINFORMATION. **A multi-dimensional approach to disinformation**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2018. Disponível em: http://ec.europa.eu/newsroom/dae/document.cfm?doc_id=50271. Acesso em: 01 ago. 2025

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. *In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LEWANDOWSKY, S. *et al.* Misinformation and its correction: continued influence and successful debiasing. **Psychological Science in the Public Interest**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 106–131, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1529100612451018>. Acesso em: 01 jun. 2025

LEWANDOWSKY, S. *et al.* **The debunking handbook 2020**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/scholcom/245/>. Acesso em: 01 set. 2025

LEWIN, K. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, [s. l.], n. 2, p. 34-36, 1946.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 11, p. 511-518, 2006.

TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimento e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 34, n. 122, p. 155-173, jan./mar. 2013.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>. Acesso em: 01 set. 2025.

WILSON, C.; GRIZZLE, A.; TUAZON, R.; AKYEMPONG, K.; CHEUNG, C. K. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, 2013.